



monumentos

25

Revista Semestral de Edifícios e Monumentos · SETEMBRO 2006

monumentos. Publicação técnico-científica, de periodicidade semestral, destinada à divulgação e valorização do património construído, através de estudos de história da arte e da arquitectura e de trabalhos de profissionais das áreas da salvaguarda e reabilitação patrimoniais. Para além dos diversos artigos integrados nas rubricas *Dossiê* e *Vária*, constituem secções permanentes: *Inventário do Património Arquitectónico*, *Intervenções no Património*, *Cursos*, *Conferências e Colóquios*, *Exposições e Publicações*.

1
DOSSIÊ · PRAÇA DO COMÉRCIO
ESGOTADO · DISPONÍVEL EM CD-ROM

2
DOSSIÊ · MOSTEIRO DE SÃO VICENTE DE FORA
ESGOTADO · DISPONÍVEL EM CD-ROM

3
DOSSIÊ · CONVENTO DE SÃO GONÇALO DE AMARANTE
DISPONÍVEL EM CD-ROM

4
DOSSIÊ · PALÁCIO NACIONAL DE BELEM

5
DOSSIÊ · FORTALEZA DE SÃO JOÃO BAPTISTA
DE ANGRA DO HEROÍSMO
ESGOTADO

6
DOSSIÊ · PAÇO DUCAL DE VILA VIÇOSA
ESGOTADO

7
DOSSIÊ · PALÁCIO FRONTEIRA
ESGOTADO

8
DOSSIÊ · UNIVERSIDADE DE COIMBRA

9
DOSSIÊ · MOSTEIRO DA SERRA DO PILAR
ESGOTADO

10
DOSSIÊ · CONVENTO DA CARTUXA DE EVORA

11
DOSSIÊ · PALACIO FOZ

12
DOSSIÊ · MURALHAS E CENTRO HISTÓRICO DE VALENCA
DISPONÍVEL EM CD-ROM

13
DOSSIÊ · SÉ DE VISEU E ENVOLVENTE
DISPONÍVEL EM CD-ROM

14
DOSSIÊ · PAÇO EPISCOPAL DO PORTO E ENVOLVENTE
DISPONÍVEL EM CD-ROM

15
DOSSIÊ · CONVENTO DAS COMENDEADEIRAS
DE SANTOS-O-NOVO
DISPONÍVEL EM CD-ROM

16
DOSSIÊ · BASÍLICA DA ESTRELA
DISPONÍVEL EM CD-ROM

17
DOSSIÊ · IGREJA E CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DE EVORA:
Evolução do sítio do século do século XIII ao século XIX;
A reconstrução tardo-medieval da igreja; ...*Na maneira de*
Sam Francisco d'evora: acasos e fortuna de um modelo uni-
versal; Em torno da arquitectura claustral; A Casa dos Ossos;
Francisco Henriques e a magna fábrica dos retábulos do
mosteiro (1509 1511); As empreitadas manuelinas na deco-
ração; Azulejos e outras artes; Os retábulos da Capela da
Ordem Terceira; O órgão da igreja; Gómez Fernandez e a
Horta do Paço *a-par-de* São Francisco; Leitura do espaço
urbano envolvente; A igreja e a Galeria das Damas. O que
resta de um paço real; Invenções da DGEMN. VÁRIA: Inter-
venção nos arcos do coro-alto da Igreja Matriz de Ponte da
Barca e da Igreja do Pópulo, Braga; Um tecto quinhentista
na capela-mor da igreja do Convento de Santa Marta. Lis-
boa; Reabilitação do troço sul/nascente do caminho-de-

-ronda do Castelo de São Jorge. Lisboa; A divulgação de um
"tesouro" catedralício.
DISPONÍVEL EM CD-ROM

18
DOSSIÊ · MOSTEIRO DE SANTA CLARA-A-NOVA DE COIMBRA:
Coimbra: caracterização da margem esquerda; O mosteiro
velho de Santa Clara; Esboço sobre a vida e obra da rainha
Santa Isabel; A construção do novo mosteiro; [Não] *São*
rosas, *Senhor*: sobre as obras do claustro; As inscrições fune-
rárias do coro-baixo (1629-1744); A talha; Os painéis da
capela-mor da igreja: uma atribuição a Vincenzo Bacherelli
(1672-1745); A pintura mural da igreja; Os legados da Rai-
nha Santa: notas para um percurso museológico; Santa
Clara-a-Nova: reabilitação e diagnóstico; O emergente pólo
de Santa Clara. VÁRIA: Pinturas fundais e falsos interiores;
decorações pictóricas integrais de Pasquale Parente; Torre de
menagem, Castelo de Pombal: um olhar (in)discreto; Mos-
teiro de Santa Maria de Semide: reabilitação e requalifica-
ção; A Academia das Ciências de Lisboa: plano director.
DISPONÍVEL EM CD-ROM

19
DOSSIÊ · SÉ DO FUNCHAL: O sítio da Sé; A construção da Sé;
A ordem de uma *geral maneira* de edificar; Los grabados de
Van Meckenem en la Catedral de Funchal; A face interior da
porta. Um exemplo da importância da carpintaria mudéjar;
Estrutura e decoração dos tectos de alfarge; O retábulo-mor
da Igreja Grande do Funchal; Apontamentos acerca do
cadeiral; Os autores do retábulo e cadeiral (1514-1516);
A azulejaria; Epigrafia e iconografia na Igreja de Santa Maria
Maior do Funchal; A pintura mural no pátio de acesso à Sala
do Cabido; Conservação preventiva da Sala do Cabido; Da
Sé ao Casino. O eixo histórico de crescimento do Funchal;
Degradação e patologias da pedra natural; Sé do Funchal:
intencões e intervenções. VÁRIA: São Salvador de Bravães e a
cronologia da pintura mural portuguesa da Idade Média;
Análise do comportamento da Ponte da Lagoncinha; Con-
vento de Santa Clara do Funchal.
DISPONÍVEL EM CD-ROM

20
DOSSIÊ · CONJUNTO MONUMENTAL DA MATA DO BUÇACO: A
cerca: uma paisagem entre o sagrado e o profano; A relevante

monumentos

25

Revista Semestral de Edifícios e Monumentos · SETEMBRO 2006



**DIRECÇÃO-GERAL DOS EDIFÍCIOS
E MONUMENTOS NACIONAIS**

Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional

DIRECTORA
Margarida Alçada

CONSELHO EDITORIAL
Alexandre Alves Costa
Augusto José Marques da Costa
José Eduardo Horta Correia
José Fernando Canas
José Manuel Fernandes
Lúcia Rosas
Rafael Moreira
Raquel Henriques da Silva
Vitor Serrão

COORDENAÇÃO
Andrea Cardoso

REDACÇÃO
Maria João Reis Martins
Paula Tereno

TEXTOS
Ana Paula Rebelo Correia
Berta Duarte
Carla Alexandra Gonçalves
Cristina Castel-Branco
Hélia Silva
Jorge Figueira
José António Bandeirinha
José Manuel Fernandes

José Santiago Faria
Luísa Cortesão
Luísa Trindade
Maria de Lurdes Craveiro
Marta Macedo
Nuno Ribeiro Lopes
Paula Noé
Pedro Alarcão
Raquel Henriques da Silva
Rodrigo Marques
Rui Lobo
Rute Figueiredo
Vitor Serrão
Walter Rossa

ABSTRACTS
Cintia Pereira de Sousa

EDIÇÃO E PROPRIEDADE
Direcção-Geral dos Edifícios
e Monumentos Nacionais
Praça do Comércio, Ala Oriental,
2.º Andar
1149-005 Lisboa
Redacção: 21 881 70 42/45
Assinaturas: 21 881 70 49
Fax: 21 888 02 49
E-mail: monumentos@gmail.com
Internet: www.monumentos.pt

DESIGN
TVM Designers

EXECUÇÃO GRÁFICA
Textype

DISTRIBUIÇÃO
HT - Distribuição e Comercialização
de Produtos Culturais, Lda.

Periodicidade Semestral
Preço por número: 15 € (IVA incluído)
Tiragem: 5000 exemplares
ISSN: 0872-8747
Depósito Legal n.º 79253/94

Os artigos são da inteira responsabilidade
dos respectivos autores.

Os textos e as imagens desta publicação
não podem ser reproduzidos sem
autorização prévia da Direcção-Geral dos
Edifícios e Monumentos Nacionais.

monumentos

DOSSIÊ: Coimbra, da Rua da Sofia à Baixa

Nuno Ribeiro Lopes	10	Onde pára a Sabedoria? Propostas estratégicas para a candidatura da Universidade de Coimbra a Património Mundial
Walter Rossa	16	a Sofia: primeiro episódio da reinstalação moderna da Universidade portuguesa
Rui Lobo	24	Rua da Sofia: um <i>campus</i> universitário em linha
Rui Lobo	32	Os colégios universitários de Coimbra: enquadramento na arquitectura universitária europeia e seriação tipológica
Maria de Lurdes Craveiro	46	O Colégio das Artes
José Manuel Fernandes	54	Do Colégio das Artes, à Rua da Sofia: novas modernidades no espaço urbano de Coimbra
Rute Figueiredo	58	Arquitectura judicial: o Palácio da Justiça de Coimbra
Maria de Lurdes Craveiro	68	O Colégio da Sapiência, ou de Santo Agostinho, na Alta de Coimbra
Hélia Silva	76	Estuques maneiristas do Colégio de Santo Agostinho ou da Sapiência: apontamentos para o seu estudo
Carla Alexandra Gonçalves	86	Os retábulos de pedra dos colégios da Rua da Sofia
Vítor Serrão	92	<i>Pittura senza tempo</i> em Coimbra, cerca de 1600: as tábuas de Simão Rodrigues e Domingos Vieira Serrão na sacristia da Igreja do Carmo
Ana Paula Rebelo Correia	108	Um ciclo do profeta Elías no claustro do Colégio de Nossa Senhora do Carmo. Contributo para o estudo iconográfico
Marta Macedo	122	A conquista do terceiro espaço: uma abordagem ao ensanche oitocentista de Coimbra
José Santiago Faria	130	A Rua da Sofia e os estudos urbanísticos para a Baixa de Coimbra
Jorge Figueira	138	No lugar da "Avenida Central"
José António Bandeirinha	146	1131-1993, as duas datas de um projecto. Fernando Távora, Santa Cruz e o Largo de Sansão
Berta Duarte	154	Núcleo Museológico da Cidade Muralhada: contributo para o estudo da muralha de Coimbra
Raquel Henriques da Silva	160	O museu do Edifício Chiado: colecção Maria Emília e José Carlos Telo de Morais
José Manuel Fernandes	164	Duas obras do início do século XX na entrada de Coimbra: do Hotel Astória à Casa Ângelo da Fonseca
Cristina Castel-Branco	170	Os jardins de Coimbra, um colar verde dentro da cidade
	186	Bibliografia
	188	Inventário do Património Arquitectónico
		VÁRIA
Paula Noé	198	As igrejas de Misericórdia do distrito de Coimbra. Ensaio de classificação tipológica
Pedro Alarcão	208	Conservação e valorização em Conímbriga: projectos e obras
Luísa Trindade, Rodrigo Marques, Luísa Cortesão	214	Um sedimento, uma ruína, um projecto: o Paço dos Vasconcelos, em Santiago da Guarda
Ana Paula Rebelo Correia	226	Um retrato real nos jardins do Palácio Fronteira
	234	Intervenções no Património
	236	Cursos/Conferências/Colóquios
	238	Publicações

O Colégio da Sapiência, ou de Santo Agostinho, na Alta de Coimbra

MARIA DE LURDES CRAVEIRO

O Colégio de Santo Agostinho inscreve-se na longa tradição escolar do Mosteiro de Santa Cruz. A estrutura colegial, ainda integrada no recinto monástico e denunciada em documentação quinhentista que a coloca a norte da igreja crúzia, decorre de uma vocação materializada nos estudos medievais, com mais empenhada expressão na cultura renascentista desenvolvida na governação de Frei Brás de Barros, a partir de 1527.

A aposta colegial do mosteiro não pode ser desligada do projecto urbanístico para a Rua da Sofia (de cerca de 1535) ou da rápida instalação da Universidade em Coimbra. De facto, é sob a tutela do Mosteiro de Santa Cruz que se desenvolvem os programas para a rua que acolhe sistematicamente os novos colégios das ordens religiosas que, por sua vez, recebem a mão-de-obra experiente e qualificada com formação também no mosteiro.

Nos princípios da década de noventa de Quinhentos, o espaço onde se viria a implantar o Colégio de Santo Agostinho coincide com a derradeira aposta régia no sentido de libertar o paço da Universidade aí instalada. Abortados os projectos académicos para a Rua da Sofia e para a Alta da cidade, para onde o rei D. João III insistiu em dotar a Universidade com edifícios próprios¹, a última tentativa para salvaguardar a integridade do paço, com a mudança das Escolas, residiu em área do Mosteiro de Santa Cruz, precisamente no local onde este projectava a construção do seu Colégio de Santo Agostinho. Com o conflito instalado, a Universidade pretendia para aí o alargamento das Escolas, cuja traça estava feita e nas mãos do rei², e o mosteiro reivindicava o espaço para a construção do seu colégio. Embora se desconheça a extensão dos novos planos para a Universidade (da responsabilidade do arquitecto régio Filipe Terzi), esta terá sido a medida de último recurso para a definitiva instalação das Escolas, também condenada ao fracasso. O impasse gerado pelo embargo, lançado em 22 de Dezembro de 1592, às obras do colégio que

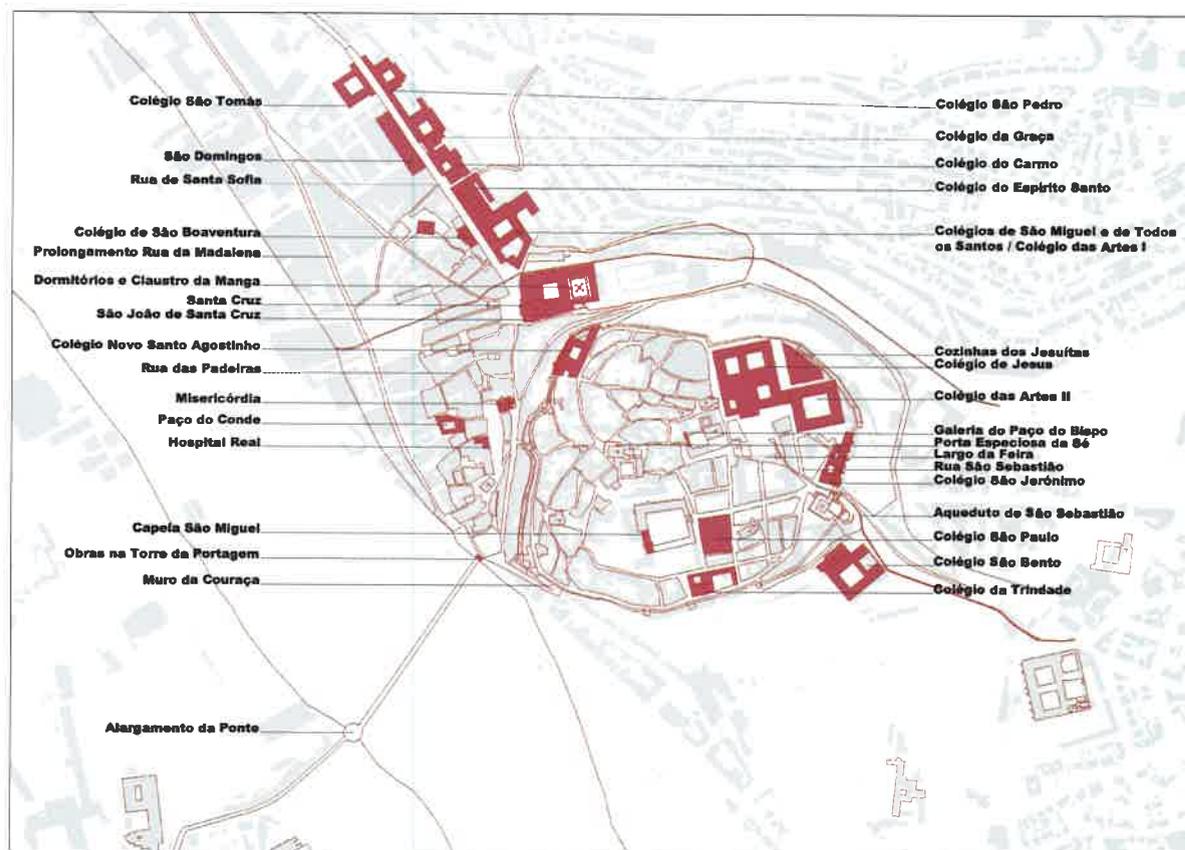
já então decorriam, só seria resolvido pelo levantamento desse mesmo embargo, a 20 de Fevereiro do ano seguinte. A vitória da contenda pelos crúzios determinou, finalmente, em 1597, a entrega dos paços à soberania da Universidade. Com outros interesses em jogo, a tutela de mais um paço na distante cidade de Coimbra não era já tão relevante para Filipe II. Dele podia então definitivamente prescindir.

Foi longo o processo de maturação que, no Mosteiro de Santa Cruz, haveria de conduzir à construção do Colégio de Santo Agostinho que sobrevive. Quando, em 1555, D. Francisco de Mendanha foi eleito padre-geral da Congregação faziam-se novos estatutos para o colégio, que mantinha os critérios de raiz humanista, sedeados no conhecimento das línguas antigas, e o mesmo espaço no recinto do mosteiro. Num ambiente de contenção financeira sempre denunciada pelos cronistas, apenas no Capítulo Geral de 1569 (...) *se comessou a tratar da mudança do nosso Collegio apartado do Convento de S. Cruz (...)*³, a despeito de todos os obstáculos movidos pelo bispo de Coimbra, contra a eventualidade de que o (...) *Collegio se apartasse do Convento de S. Cruz e se edificasse nas cazas de João de Ruão, que he o mesmo sitio onde depois de*

Colégio da Sapiência or Colégio de Santo Agostinho in uptown Coimbra

*Colégio de Santo Agostinho is part of a long educational tradition associated with Mosteiro de Santa Cruz, and the process of qualification of religious orders in university circles. It is the result of fierce rivalry felt at Coimbra's highest levels of power. Conflicts finally gave rise to the construction, in 1593, of a modern college on the city wall between the monastery and the university. Using a scenographic strategy meant to distort the truth about the different volumes, Colégio de Santo Agostinho introduces a new formal treatise and Serlian behaviour in Coimbra, while also exploring an ornamental dynamics interacting with a more moderate and "triumphal" version of the *chã* (local plain style) architecture.*

1 Coimbra, cartografia digital com a evolução da cidade, executada por Sandra Pinto, sob coordenação de Walter Rossa, 2003.



muitos annos o fundou o Padre D. Acurcio de Santo Agostinho, sendo Geral (...)⁴ no local encostado à muralha, onde, aliás, já anos antes o mosteiro se tinha preocupado em alargar através de compras e trocas de terrenos⁵.

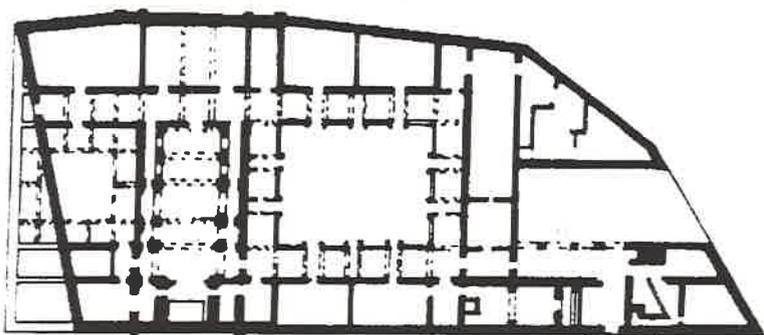
Os atribulados caminhos ligados à construção do colégio levaram à obrigatoriedade da contribuição dos mosteiros da Congregação (Capítulo Geral de 1578), ao sonho com a ocupação do espaço do antigo Colégio de Todos-os-Santos (que o mosteiro nunca haveria de recuperar), à colocação precária do colégio no Mosteiro de São Jorge ou à sua instalação na Quinta da Ribela⁶. A 27 de Março de 1593, estava definitivamente assente o local da construção. Para esse efeito, o mosteiro compraria, por 200 mil reais, a Jerónimo de Ruão (cavaleiro fidalgo da casa do rei e morador em Belém) e a seu filho Miguel de Ruão (com 20 anos de idade e estudante na Universidade) as casas e o quintal que tinham sido de João de Ruão, junto da Ermida da Madalena e da Torre dos Sinos⁷.

Pelas vicissitudes atravessadas nesta aposta construtiva ficam claros os esforços da Congregação para a efectiva realização do projecto, com o Mosteiro de Santa Cruz a liderar a causa e a libertar as verbas mais avultadas⁸; os diversos locais pensados, sempre na perseguição dos espaços mais convenientes às estratégias desenvolvidas no âmbito da conflitualidade instalada na cidade; ou a visível desconfiança e correspondentes entraves ao processo de construção movidos por parte de todas as instâncias cidadinas de poder, desde a Universidade, à câmara e ao cabido. O carácter concorrencial estabelecido com a Universidade implicou tanto as disputas relacionadas com as pre-

tensões de ambas as partes quanto ao espaço reclamado, como o futuro empenho dos crúzios num funcionamento colegial de rivalidade estatutária, à margem e paralela à Universidade⁹. Acreditando, aliás, em Nicolau de Santa Maria, o estatuto privilegiado dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho isentava-os, a partir de provisão dada por D. Sebastião, da comum deslocação à Universidade para a celebração de todos os autos anteriores ao doutoramento, que seriam efectuados no Mosteiro de Santa Cruz¹⁰. Mais do que salvar a clausura, como pretende o cronista, importava a visibilidade de um regime diferenciado relativamente às outras ordens religiosas e, sobretudo, reivindicar um papel determinante (e não esgotado) para o espaço cultural dos crúzios que tinham, em primeiro lugar, acolhido a Universidade.

Foi, assim, lento e doloroso o processo que conduziu à edificação do Colégio de Santo Agostinho, ao qual, rapidamente (entre 1612 e 1615), se uniram *in perpetuum* os mosteiros de São Pedro de Folques e de São Salvador de Paderne¹¹. Para além das (...) *relações oficiais estreitas entre a Universidade e o Mosteiro de Santa Cruz (...)¹²*, o novo colégio dos cónegos regrantes necessita também de ser enquadrado no ambiente de competição que caracterizava as duas instituições desde os meados do século XVI. Com acessos facilitados ao recinto do mosteiro¹³, o colégio implantava-se numa área de proximidade física à Universidade e, também por essa via, se afirmava como fortíssimo interlocutor no processo do poder e do conhecimento.

No último quartel de Quinhentos, o arquitecto da Universidade, Jerónimo Francisco¹⁴, é o mais creden-



2 Coimbra, Colégio de Santo Agostinho, planta de reconstrução, executada por Patrícia da Costa Ferreira, 1996.

ciado em Coimbra e a quem recorriam as instituições de maior envergadura política e financeira. Entre elas, o Mosteiro de Santa Cruz, pese embora a debilidade económica de que, desde os meados do século, repetidamente se queixava, continuava a usufruir de uma preponderância cuja voz não podia ser esquecida nos destinos culturais da cidade. Num processo cada vez mais explícito e de forte contundência entre o Mosteiro de Santa Cruz e a Universidade quanto à definição dos terrenos e à sua futura utilização, o papel de Jerónimo Francisco é, declaradamente, o de projectista das obras para as quais (...) *tinha dado a traça* (...) ¹⁵ e que decorriam já nos finais de 1592, com os trabalhos iniciais ligados às fundações do edifício e à sua delimitação em área. E se, em 30 de Março do ano seguinte, foi solenemente lançada a primeira pedra, não se encontra razão válida para a modificação da traça e muito menos do seu autor.

Tradicionalmente, e com base no testemunho de D. Nicolau de Santa Maria, o edifício do Colégio de Santo Agostinho anda atribuído a Filipe Terzi ¹⁶, mas, intencionalmente ou não, os cronistas nem sempre têm acertado nas atribuições que fazem. E se também é verdade que, em Outubro de 1592, o italiano está em Coimbra por ordem do rei para tratar de certo *negocio* ¹⁷ que envolvia o bispo da cidade, o corregedor, o juiz de fora e a câmara (e não os responsáveis pelo Mosteiro de Santa Cruz), torna-se viável a possibilidade de que tenha vindo para executar os planos das *novas escolas* (em Dezembro nas mãos do rei) a construir exactamente no local, (...) *a porta noua do quintal de João de Ruão* (...). O assunto assumia carácter de sigilo e chamava-se a atenção para (...) *a fonte e a valinha que esta dentro da cerca dos Religiosos de Santa Cruz* (...) [e] (...) *os cannos e as arcas e tudo o mais necessario* (...) ¹⁸. Se D. Nicolau optou por identificar o arquitecto régio com o projecto do espaço pretendido pelos crúzios para o seu novo colégio, dignificando assim o edifício dedicado a Santo Agostinho, não é, por enquanto, dúvida a que se possa responder com precisão. Mas a presença frequente de Jerónimo Francisco em Santa Cruz ¹⁹ indicia uma ligação que parece apontar para a hipótese de uma fortíssima contribuição no problema construtivo que, nesta data, mais afectaria os crúzios: o colégio novo.

Não obstante as evidências, a identificação da autoridade de Jerónimo Francisco continua a ser negada,

em favor da hipótese Terzi, por uma historiografia que não reconhece os sinais de originalidade num ambiente marcado pela tradição. Apostar numa suposta reabilitação dos cronistas não implica uma cega sujeição à matéria divulgada, antes pressupõe a continuidade da vigilância crítica perante o documento, que se constitui como ponto de partida para a análise de uma situação. A lista de “pecados” praticados por D. Nicolau de Santa Maria, no tocante à divulgação de inverdades, é demasiado extensa para que se possa aceitar sem reservas a atribuição de Santo Agostinho a Terzi. E se o documento, com valor de acta, é explícito noutra direcção, importa ainda reflectir sobre as circunstâncias envolventes ao processo. A construção do colégio novo, saído de um contexto de fortíssima rivalidade entre os crúzios e a Universidade, deve também ser entendida como a expressão da vontade da diferença relativamente aos circuitos instalados e dominados, em última instância, pela Universidade. Em exercício mental não descabido, se é aceitável que Filipe II não abdique do seu arquitecto para a construção das novas Escolas,

3 Colégio de Santo Agostinho, portal da igreja.



resulta completamente absurdo que Terzi se encontre, pelas mesmas datas, ocupado com dois projectos distintos para um mesmo local. Os planos que se justificam para a Universidade carecem, assim, de fundamento no âmbito da instituição que se propunha a recuperação de um prestígio alternativo e que, por isso mesmo, não prescinde da diferença. Que, em 22 de Dezembro de 1592, Jerónimo Francisco reclame, sob pena do pagamento de 500 cruzados e dois anos de degredo, a autoria das traças inviabiliza o argumento de que a sua responsabilidade passe apenas por ser o (...) *construtor capaz de fazer as traças de pormenor, que no caso seriam dos alicerces* (...)²⁰.

A estrutura colegial, que sobrevive às transformações posteriores e ao violento incêndio de 1967, ajusta-se à especificidade do terreno ocupado, com a linha da fachada poente assentando os alicerces no antigo pano de muralha da Almedina. A igreja e o claustro dinamizam o espaço onde se encontraram a estabilidade e o equilíbrio para fornecer aos colegiais um percurso ordenado e inteligível. Tanto quanto é possível apurar pelas plantas do edifício, e depois das reformas do século XIX para albergar o Colégio dos Órfãos, a Misericórdia²¹ e, recentemente, a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, a nota mais dissonante à normal constituição dos espaços colegiais é dada pela presença do corredor que estabelece a ligação entre o portal (aberto em 1859) e o claustro (desembocando no ângulo sudoeste), protegendo a entrada principal da igreja e provocando a formação de uma ala com diversas dependências, onde se instala, agora, a Misericórdia. A fachada poente mostra a simulação da fachada da igreja que, na realidade, lhe não corresponde, reflectindo, sobretudo, a vontade de imposição da estrutura religiosa na cidade através da obtenção de aparatoso efeito cenográfico. Circundando o morro, esta fachada acompanha o lado poente do claustro principal para, seguidamente, e depois do refeitório, descrever apertada curvatura, guardando as zonas utilitárias do colégio, até entestar na longa faixa do dormitório. Pelo alçado nascente é possível determinar os vários corpos da sacristia, da cabeceira da igreja (dividida em dois níveis separados por cornija dupla encimada por mais um frontão triangular), dos dormitórios altos e das salas no piso térreo, onde se incorpora a entrada da antiga portaria com a capela.

Se todas as fachadas sofreram arranjos ao longo dos tempos, a parte do sul é, sem dúvida, a mais reformada pela configuração dada à nova entrada, pela mutilação efectuada no pequeno claustro (construído apenas por volta de 1630, tal como a sacristia, o acabamento dos dormitórios altos e o guarnecimento a estuque da abóbada da igreja²²) e pela construção da torre, cujo significado não cabe aqui averiguar. O claustro, encostado ao flanco sul da igreja, teria uma configuração regular que as obras posteriores lhe retiraram. Assumiria, assim, uma definição em planta muito próxima do esquema já divulgado (ver fig. 2)²³.



Como parte integrante dos planos iniciais, encontravam-se a igreja, o claustro maior, os dormitórios com a portaria (com uma segunda virada a Sobre Ripas, rapidamente suprimida), o refeitório e as zonas utilitárias de apoio aos diversos serviços. Basicamente, os espaços que ainda se mantêm do antigo colégio dos cruzios. Na linha poente, o piso térreo seria preenchido pela livraria, pela Sala dos Actos (no eixo da igreja) e por salas de aula, acompanhando já

4 Colégio de Santo Agostinho, interior da igreja.

5 Colégio de Santo Agostinho, púlpito da igreja.

6 Colégio de Santo Agostinho, portal da portaria.



a ala poente do claustro maior²⁴. A disposição dos diversos espaços do colégio não é, portanto, portadora de sentidos novos a obrigar a outros percursos, pese embora o facto da igreja aparecer “encerrada” no interior do edifício.

A igreja pequena, cujas dimensões tiveram de se adequar ao espaço disponível, obedece às fórmulas espaciais divulgadas sobretudo a partir da Igreja da Graça, com nave única acolitada por capelas laterais intercomunicantes. E, tal como se verificou na cidade desde o exemplo da Igreja de Santa Cruz, também aqui o coro-alto se desenvolve extraordinariamente, absorvendo os dois primeiros tramos da igreja. Abstraindo os estuques, colocados cerca de 1630, a decoração que reveste o portal principal e o interior, desde as pilastras ao intradorso dos arcos e aos dois púlpitos, segue os modelos nórdicos numa sequência arrebatadora de molduras em *feronnerie* que integram motivos geométricos de rectângulos, círculos e ovais, máscaras e “pontas de diamante”. Em alternativa à sobriedade rusticada e serliana do portal da portaria do colégio, também o portal da desaparecida capela da mesma portaria envereda pelo triunfalismo festivo contido na arquitectura crúzia da década de trinta do século XVII. A mesma cultura estética, note-se, que ditou a construção do portal da capela das relíquias, anexa à sacristia do Mosteiro de Santa Cruz.

O refeitório, cuja localização se adivinha facilmente em planta, ficava situado na galeria norte do claustro e está hoje desvirtuado pelas obras promovidas pela Universidade. Constituíam-se em plano rectangular imperfeito (ligeiramente oblíquo na parte a poente) que tinha continuidade para a zona da cozinha, dependência quadrada, e cuja abóbada (...) *em desenho de curva abatida, é repartida em caixotões simples (...)*²⁵.

Inteiramente nova na cidade é a concepção plástica que envolve o claustro rectangular, datado de 1596, que contava, no ano anterior, com os serviços do aparelhador Luís Francisco²⁶. Tanto os quatro alçados como as abóbadas das galerias baixas constituem aqui a mais absoluta novidade, porventura paradigmática do esforço de demarcação do mosteiro relativamente à poderosa instituição da Universidade. Com afinidades marcantes com o claustro torralviano de Tomar, o ambiente clássico que se respira em Santo Agostinho, a sua aproximação aos esquemas tratadísticos, e, em particular, a Serlio, e o completo afastamento da “norma” vigente na cidade, que impunha repetidamente o modelo castilhiano, têm feito acreditar na palavra de Frei Nicolau de Santa Maria e na identificação do espaço claustral com os desenhos eventualmente encomendados a um arquitecto com a credibilidade de Filipe Terzi. Na realidade, não foi até agora possível saber se houve alterações aos planos iniciais elaborados em 1592 por Jerónimo Francisco, mas em 1596 o arquitecto local mantinha o acesso à literatura e a informações manuscritas e impressas disponíveis no Mosteiro de Santa Cruz e era o homem das obras nomeado pelo rei na cidade. Por outro lado,



7 Colégio de Santo Agostinho, portal da capela da portaria.

8 Colégio de Santo Agostinho, pormenor do claustro.



a vertente torralviana do claustro também não pode constituir a (...) *marca que mais credibilidade dá à intervenção de Tércio (...)*²⁷, pela simples razão de que se o arquitecto esteve directamente ligado à continuidade das obras em Tomar, também o esteve em São Vicente de Fora, com estratégias construtivas bem

diferentes. Finalmente, pretender encaixar o partido arquitectónico do claustro de Tomar no círculo restrito dos seus directos responsáveis é negar o carácter de visibilidade que o mesmo claustro não podia deixar de ter. No âmbito da arquitectura erudita, a Jerónimo Francisco não faltavam os modelos igualmente



9 Colégio de Santo Agostinho, pormenor do claustro.

extraídos de Tomar, conciliados com a força teórica dos tratados. Ou seja, se toda a obra conhecida de Jerónimo Francisco não tem paralelo com o Colégio de Santo Agostinho, o mesmo se poderá dizer de Terzi, que não produziu nunca quaisquer planos com afinidades com colégio crúzio. E se as razões invocadas pela historiografia radicam, sobretudo, na capacidade do italiano para a projecção do espaço e das formas em causa, estão por apurar todas as capacidades criativas do arquitecto ao serviço de Santa Cruz. Assim sendo, parece mais razoável, senão mesmo mais sensato, acreditar no valor documental de uma acta do que aceitar sem crítica a palavra do cronista, não obstante todos os seus contributos que continuam a fazer pertinente e obrigatória a sua leitura.

Maria de Lurdes Craveiro

Historiadora da Arte

Docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Imagens: 1 e 2: Centro de Estudos do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra; 3 a 9: DGE/MN, Luis Ferreira Alves, 2006.

NOTAS

- ¹ Walter ROSSA — *DiverCidade, Urbanografia do Espaço Urbano de Coimbra até ao Estabelecimento Definitivo da Universidade*. Coimbra: s. n., 2001, pp. 762-830. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, texto policopiado.
- ² (...) eu [o rei] tinha mandado fazer as escolas para a dita Universidade e para iso esta tomada e feita traça dellas e o lugar onde avião de ser tudo por meu mandado que tinha tomado e metido a mão niso como protector que sou da dita Universidade e a dita obra que hos padres de Santa Cruz ora querião fazer hera em muito perjuizo das ditas escolas e traça asi por entrar e tomar muita parte do sitio e traça como do impedimento grande que lhe fazia polo que enquanto eu não mandasse ho contrario se não podia fazer nem ir com a obra por diante (...). Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC), *Mosteiro de Santa Cruz*, número 190.
- ³ D. Marcos da CRUZ — *Crónica de São Vicente, 1623-1625*, parte II, fl. 79, manuscrito (MS 632) existente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.
- ⁴ D. Marcos da CRUZ — Ob. cit., parte II, fl. 92v.
- ⁵ (...) Resolucose então o Padre D. Accursio em lançar mão do sitio, em que agora está o nouo Collegio que fica eminente ao Mosteiro de Santa Cruz sobre a rua do Corpo de Deos, & das Figueirinhas, por ser a mayor parte deste sitio do mesmo Mosteiro de Santa Cruz, & se terem nelle côpradas huas moradas de casas a hum loão de Ruaõ pellos annos de 1572 por ordem do Capitulo que neste anno se celebrou no dito Mosteiro de Santa Cruz, jà com tenção de nelle fundar o nouo Collegio, & tambem porque do dito sitio deuassauão muito ao Conuento de Santa Cruz alguas casas que alli estauão, & se receaua muito que o deuassassem mais outros edificios, & Collegios, que de nouo andauão para se fundar em Coimbra no mesmo sitio (...). D. Nicolao de SANTA MARIA — *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha Santo Agostinho*. Lisboa: Na officina de Ioam da Costa, 1668, parte II, liv. X, p. 377.
- ⁶ Por celebração de contrato com a câmara, em 1552 o mosteiro adquire um terreno (...) à Porta Nova (...) e o domínio de torres e muros aforados a particulares; em contrapartida cede o direito sobre duas casas na Rua de Coruche: Armando Carneiro da SILVA — *A Criação e Levantamento do Colégio da Sapiência (Vulgo Colégio Novo ou dos Órfãos)*. Coimbra: Santa Casa da Misericórdia, 1992, pp. 16-17.
- ⁷ D. Marcos da CRUZ — Ob. cit., parte II, fls. 99v., 104-104v., 131.
- ⁸ AUC, *Livros de Notas de Santa Cruz*, t. 18, parte II, livro 54, fls. 136-138.
- ⁹ Com números diferentes relativamente às custas com o nouo colégio, D. Nicolau de Santa Maria também não quis deixar de apresentar o esforço da Congregação: (...) Para as obras deste nouo Collegio se applicarão as rendas do Mosteiro de S. Pedro de Folques junto a Arganil, & de São Saluador de Paderne junto ao Minho, que de nouo tinhaõ unido à nossa Congregação, & se esperauão as letras da vnião; & mais trezentos & quarenta mil reis, que hauiaõ de pagar cada anno os mais Mosteiros, que jà estauão vniados, em quanto durasse a obra, a saber: o Mosteiro de Santa Cruz cento & setenta mil reis; o Mosteiro de S. Vicente sincoenta; o Mosteiro de Grjão sincoenta; o Mosteiro do Porto vinte & sinco; o Mosteiro de Moreira vinte; o Mosteiro de Landim dez; o Mosteiro de Refoyos treze; & o Mosteiro de S. Iorge dous mil reis; & com tanta diligencia se poz mão à obra, que jà no anno de 1604 se pozeraõ Collegias no nouo Collegio (...). D. Nicolao de SANTA MARIA — Ob. cit., parte II, livro X, p. 378.
- ¹⁰ (...) Não estando inda o Collegio acabado sendo Geral o Padre D. Lourenço do Spirito Santo pouco antes de acabar inopinadamente se rezolveo com o prober de Reytor, e meter nelle o Curso das Artes, que então se comessava, e com effeito com o Mestre dellas, e dous Discipulos, que so erão capitulares se fez a eleição e sahio eleito nemine discrepante, ao princieiro jacto o Padre D. Accursio, que dera principio ao mesmo Collegio em 15 de Julho de 1604 (...). D. Marcos da CRUZ — Ob. cit., parte II, fl. 135v.
- ¹¹ D. Nicolao de SANTA MARIA — Ob. cit., parte II, livro X, pp. 379-380.
- ¹² *Idem*, *ibidem*, parte II, livro X, p. 403.
- ¹³ António de VASCONCELOS — *Escritos Vários Relativos à Universidade Dioni-siana*. Coimbra: Publicações do Arquivo da Universidade de Coimbra, 1987, vol. I, p. 257.
- ¹⁴ (...) A primeira cousa em que entendeo [o padre D. Dionísio da Misericórdia, eleito prior-geral em 1612], foi em acabar os passadiços que da horta de Santa Cruz pera o Collegio nouo de S. Agostinho de Coimbra tinha principiado o Padre D. Miguel de S. Agostinho seu antecessor, por serem muy necessarios pera o dito Collegio se comunicar com o Mosteiro de S. Cruz, sem irem por fóra pella rua. O primeiro passadiço vai da horta de S. Cruz pera o cerco do dito Collegio por debaixo do chaõ, & da rua que vai entre os muros dar na rua das Figueirinhas, & na do Corpo de Deos. He todo este passadiço de abobeda, com fermosas escadas de pedra, & ainda que vai por hum bom espaço debaixo do chaõ, he muito claro. O segundo passadiço vai do cerco do Collegio por cima da rua, fundado sobre hum fermoso arco de pedraria laurada (...). D. Nicolao de SANTA MARIA — Ob. cit., parte II, liv. X, p. 402.
- ¹⁵ Maria de Lurdes CRAVEIRO — *O Renascimento em Coimbra. Modelos e Programas Arquitectónicos*. Coimbra: s. n., 2002, vol. I, pp. 487-496. Dissertação de doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, texto policopiado; Carla Alexandra GONÇALVES — *Os Escultores e a Escultura em Coimbra, Uma Viagem Além do Renascimento*. Coimbra: s. n., 2005, vol. I, pp. 286-287, 804, 838. Dissertação de doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, texto policopiado.
- ¹⁶ Maria de Lurdes CRAVEIRO — Ob. cit., vol. II, pp. 114.
- ¹⁷ (...) Feita a traça do Collegio pelo famoso Architecto Felipe III & abertos os aliterces, & preparado todo o necessario pera se lançar a primeira pedra, rogou o Padre Prior geral D. Accursio ao Illustrissimo senhor Bispo Conde Dom Affonso de Castel-branco, pera benzer, & lançar a primeira pedra, o que elle fez com toda a solemnidade, & pompa, vestido em Pontifical, assistindohe os Conegos de sua Sé, com a sua Capella dos musicos, & foi todo o officio cantado de canto de orgão. O Pontifical, Bago, & Mitra veyo de Santa Cruz, & se fez hum termo por Notarios Apostolicos, como o senhor Bispo de Coimbra exercitava, & fazia aquelle Pontifical a rogo, e beneplacito do Padre Prior geral, por quanto o sitio do dito Collegio nouo estaua no limite da jurisdicção de Santa Cruz, Assistirão tambem a este Auto, & solemnidade com o dito Prior geral, e seu Vigairo o Doutor Christouão de Christo, todos os Prelados dos Mosteiros, & Collegios de Coimbra, com a principal Nobreza da Cidade. E se lançou a primeira pedra com as ceremonias costumadas em 30 de Março do anno de 1593. Sendo Summo Pontifice Clemente VIII (...). D. Nicolao de SANTA MARIA — Ob. cit., parte II, livro X, pp. 377-378.
- ¹⁸ Sousa VITERBO — *Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes ou a Serviço de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1899-1922, vol. III, p. 98.
- ¹⁹ Sousa VITERBO — Ob. cit., vol. III, p. 98.
- ²⁰ Nomeadamente a 13 e 14 de Janeiro de 1593. AUC, *Livros de Notas de Santa Cruz*, tomo 18, parte 2, liv. 54, fls. 73-78v.
- ²¹ Nelson Correia BORGES — "Colégio de Santo Agostinho. Espaços monástico-escolares". *Homenagem da Misericórdia de Coimbra a Armando Carneiro da Silva (1912-1992)*. Coimbra: Viseu: Palimage Ed., 2003, p. 134.
- ²² António de VASCONCELOS — Ob. cit., vol. I, pp. 261-262.
- ²³ (...) pellos annos de 1630 & no seu tempo [em que era reitor do colégio D. Paulo da Piedade] se acabaraõ de aperfeicoar os Dormitorios altos desse mesmo Collegio, & se fizeraõ nelle outras obras como a segunda claustra, & a Sancristia junto della, & a abobeda da Igreja se guarnecco de estuque (...). D. Nicolao de SANTA MARIA — Ob. cit., parte II, livro X, p. 382.
- ²⁴ Patrícia da Costa FERREIRA — *O Colégio de Santo Agostinho*. Coimbra: s. n., 1996, p. 32. Prova final de licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, texto policopiado.
- ²⁵ Nelson Correia BORGES — "Colégio de Santo Agostinho...". Ob. cit., p. 143.
- ²⁶ A. Nogueira GONÇALVES — *Inventário Artístico de Portugal. Cidade de Coimbra*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1947, p. 119.
- ²⁷ Maria de Lurdes CRAVEIRO — Ob. cit., vol. II, p. 123.
- ²⁸ Nelson Correia BORGES — "Colégio de Santo Agostinho...". Ob. cit., p. 138.